700920

BIBLIOTECA
UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT
RG N.º 14065
Data 14/09/2009
( ) Compra (x) Doação ( ) Permuta

Biblioteca - Unemat - PLA
00014065

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO

SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO

CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

DEPARTAMENTO DE LETRAS

Crisieli Bocorni

O Ser Infantil em Manoel de Barros

Pontes e Lacerda-MT, Junho, 2009

82.09
B664s
ex.01

Crisieli Bocorni

O ser infantil em Manoel de Barros

Monografia de conclusão do curso de graduação em Letras, apresentada ao Departamento de Letras (DL) da Universidade do Mato Grosso – Campus Universitário de Pontes e Lacerda, como requisito parcial para a obtenção do título de graduada em Letras.

Orientador: Epaminondas de Matos Magalhães

Pontes e Lacerda

2009

Esta monografia foi apresentada e defendida perante a seguinte banca examinadora:

_____

_____

_____

Local e data da aprovação

_____

Aos meus pais, amigos e professores.

Ao meu querido esposo Paulo Bergmann, pelo carinho e compreensão

Ao Prof. Epaminondas de M. Magalhães que muito me ensinou e contribuiu para a realização desse trabalho.

Agradecimentos

Para a feitura desse trabalho foi necessária muita dedicação e muita compreensão, principalmente das pessoas que muitas vezes querem estar perto de nós e não é possível. Mas enfim vencemos mais uma batalha e essa é muito especial.

Agradeço primeiramente a Deus, pelo dom da vida, pela graça e pela sabedoria dada a mim, para que chegasse ao fim.

Agradeço as pessoas que ao longo dessa vida contribuíram de alguma maneira para que eu chegasse a esse fim, para aquelas que muitas vezes acreditaram mais do que eu mesma de que eu seria capaz, a todas elas muito obrigada.

Ao meu querido esposo, que muito me ajudou que muitas vezes compreendeu a minha ausência, das viagens que não pude ir... e obrigada principalmente pelo apoio que em ti encontrei.

Ao professor Epaminondas de Matos Magalhães, pela contribuição com o meu crescimento, pelo respeito comigo e com o meu trabalho, pelas inúmeras ajudas, meu muito obrigada!

Aos meus pais, que muito me cobraram, e que muito esperaram de mim, por causa da insistência de vocês hoje concluo parte de um sonho, e de uma etapa da minha vida, entre muitas outras que virão.

A minha irmã Adriely, pois muitas vezes me aconselhou para não desistir em meio a caminhada.

Agradeço ainda à Clotilde e ao Jonas pelas inúmeras vezes que permitiram que eu saísse mais cedo do trabalho para fazer trabalhos ou estudar para provas ou para fazer o estágio, meu muito obrigada pela compreensão.

O Poeta é um fingidor.
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.

E os que lêem o que escreve,
Na dor lida sentem bem,
Não as duas que ele teve,
Mas só a que eles não têm.

E assim nas calhas de roda
Gira, a entreter a razão,
esse comboio de corda
que se chama o coração.

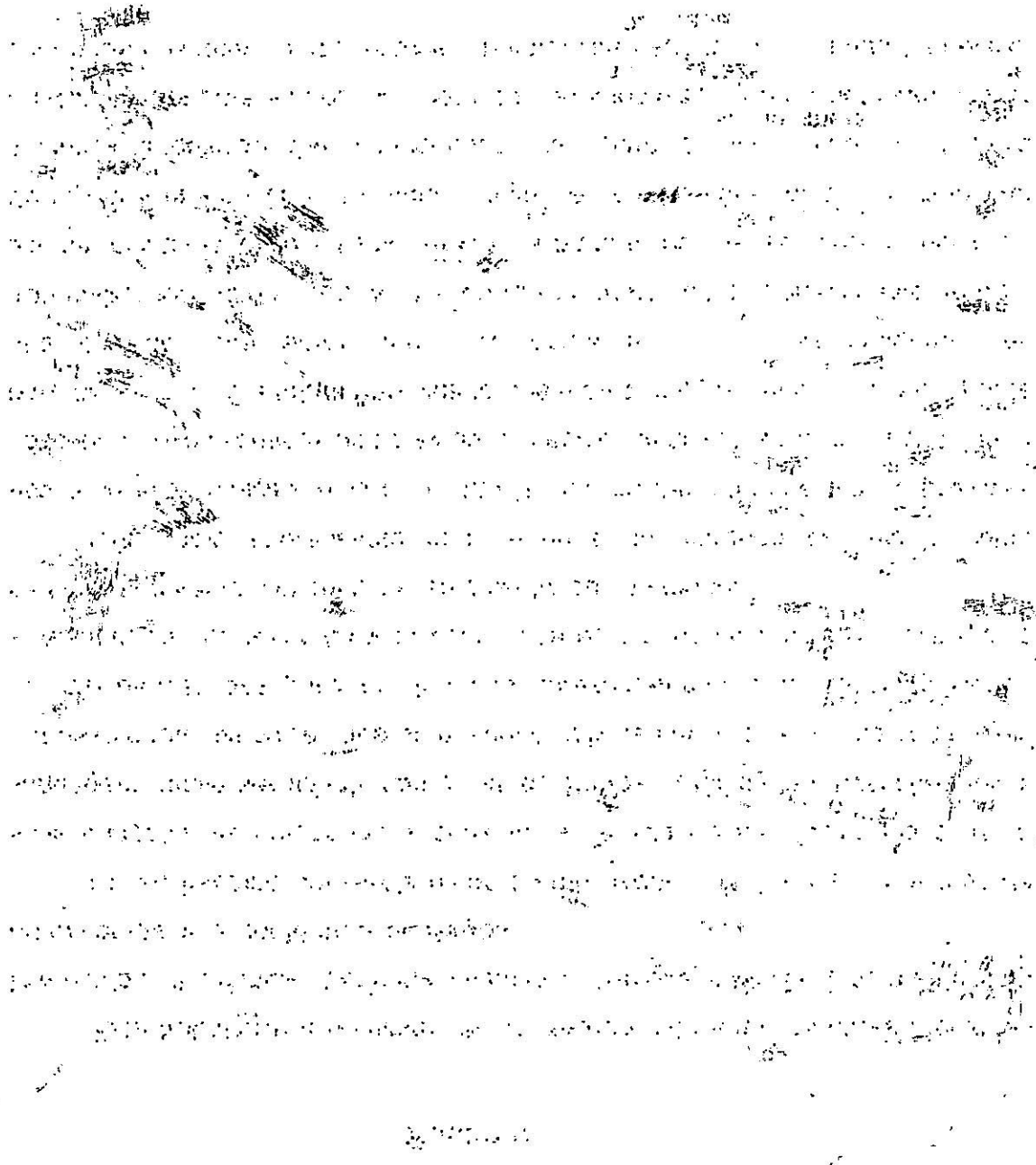
Fernando Pessoa

Resumo

Este trabalho é o resultado de um estudo feito entre as obras Memórias Inventadas: A Infância, Segunda Infância e Terceira Infância, juntamente com outras obras do autor Manoel de Barros.

Nesse trabalho apresentaremos o autor Manoel de Barros, o universo de suas criações, as personagens constantes de sua poesia, falaremos sobre a linguagem desse ser infantil nas obras do Barros, o lúdico, as invenções feitas por esse poeta, as coisas que permeiam o universo novo e fantástico criado pelo mesmo através das palavras. E ainda apresentaremos o modo como Barros apresenta as três fases da vida como uma eterna infância, pois é assim que o mesmo representa a infância nessa coleção das memórias.

Outro fato interessante que veremos no segundo capítulo é como acontece essa criação, pois o mesmo fabula um mundo onde tudo é possível, aplicando novos sentidos as palavras, o mesmo vai desconvencionalizar a língua para significá-la. E ainda a veracidade das memórias, pois muitas vezes o poeta nos convida para entrar em suas obras por meio das imagens, das ficcionalidades criadas por ele. Sendo assim propomos o conhecimento de uma poesia inovadora e ao mesmo tempo libertadora, pois é isso que a poesia de Barros nos proporciona, liberdade, fuga das convenções, pois o mesmo não aceita a imposição das convenções nem para a Arte como um todo e principalmente para sua poesia, por isso podemos dizer que o Poeta vem inovar com suas criações, representações metafóricas trazendo um mundo fantástico.



SUMÁRIO

Resumo
Introdução
O Universo Infantil em Manoel de Barros
O Universo Poético de Manoel de Barros
O Ser Infantil em Manoel de Barros
Considerações Finais
Bibliografia
Anexos

Introdução

Este trabalho apresenta "O ser infantil em Manoel de Barros", abordaremos o lúdico, a infância e a linguagem. Barros vem reinventar a língua, construindo um novo universo dentro da linguagem o que permite o lúdico, ou seja, as brincadeiras com as palavras, pois não temos criações feitas em cima de lógica, expressões acostumadas, Barros renova os significados, pelo menos ele aponta outros sentidos em sua poesia, dentro de suas inúmeras criações.

O ser infantil em Barros tem voz, aqui ele não é aquele ser menor, aquele ser que não tem inteligência, muito pelo contrário é justamente a capacidade inventiva da criança que o mesmo utilizará para suas poesias. Vemos em Barros a criança tal como ela é, com sua capacidade de criar, inventar, atribuir novos significados, fazer novas construções gramaticais, pois a criança ainda não foi contaminada pela lógica e regras do que se deve fazer ou dizer.

> Gosto de furar gramáticas e entortar sintaxes. Um pouco depois a: A criança está disponível para a poesia. Ao ponto de poema. A criança não sabe o comportamento das coisas. E pode inventar. Pode botar aflição nas pedras e assim por diante. As crianças não sabem que pedra não tem aflição ou se os peixes dão flor.Barros in (WWW.screamyell.com.br) acessado (15/03/09)

Isso é desconvencionalizar a língua, o que vimos na poesia acima é o que Barros nos propõe nas poesias que serão apresentadas nesse trabalho, um convite para um mundo renovado, de novas expressões. È dentro desse universo que Barros vai buscar na linguagem suas poesias. Ao ler esse trabalho, você poderá adentrar um pouco nesse universo fantástico que Barros proporciona.

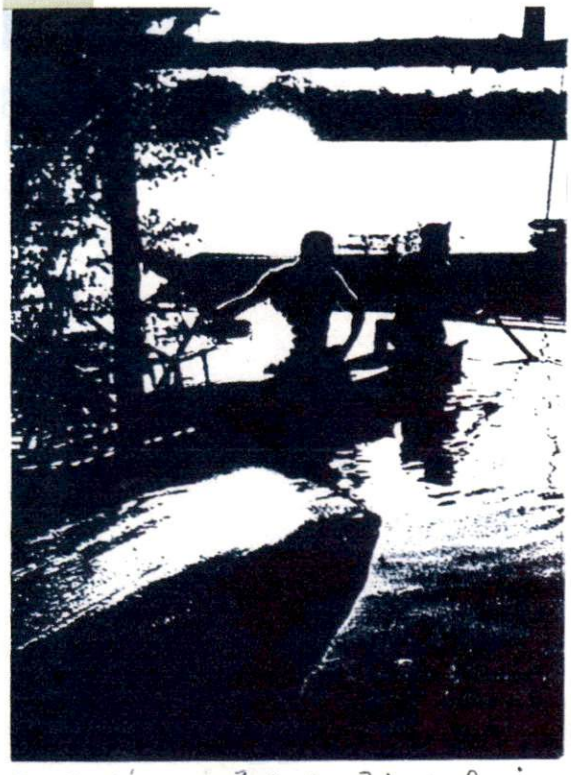
No primeiro capítulo apresentaremos o poeta, suas obras publicadas, a matéria de sua poesia, ou seja, os seres que não tem valor social, como a criança, o velho, o andarilho e o louco. Dentre esses como já havia dito o nosso trabalho abordará principalmente o ser infantil. Veremos sobre a lírica moderna com o auxílio Hugo Friederich, que destaca que a lírica moderna vem em oposição aos moldes clássicos, pois se torna obscura, fascinante na medida em que desloca o leitor de seu posicionamento único, levando ao estranhamento. Ainda no primeiro capítulo temos Hilda Gomes Dutra Magalhães, falando sobre a

subjetividade de Barros, que através de seus desvios lingüísticos, mostra-nos um mundo invisível. Criando assim um mundo novo.

No segundo capítulo analisaremos o ser infantil em sua poética, apontando para a linguagem que é recriada através de Barros, o lúdico, as fabulações da criança enquanto cria um mundo novo, um mundo onde tudo é possível através da linguagem, como por exemplo, novos sentidos. Pensamos ainda em Manoel como desconvencionalizador da língua.

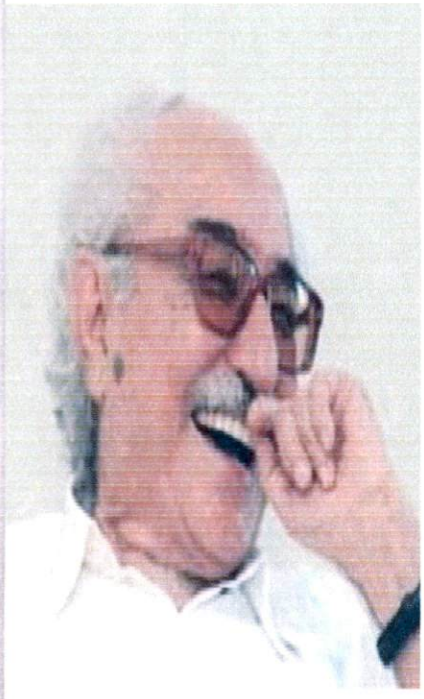
Marinho nos diz que a poética de Barros se desprende daquilo que é regra no cotidiano. O mesmo diz ainda que é dentro do universo lúdico infantil que esse desprendimento se torna possível. Veremos ainda dentro desse trabalho outros críticos como Bachelard, Benjamin, Waldman que nortearam nosso trabalho.

Espero que você leitor, goste do universo que está aqui apresentado e que se sinta curioso em ler mais sobre a poética do Manoel de Barros pois ela é fascinante.



Rio Cuiabá, em frente à Rua Porto Geral, onde nasceu o poeta - mestre Manoel de Barros, hoje, [illegible] limites.

*anotações do autor no dia de seu falecimento



O UNIVERSO INFANTIL EM MANOEL DE BARROS

Venho de um Cuiabá e de ruelas entortadas.
Meu pai teve uma venda de bananas no Beco da Marinha, onde nasci.
Me criei no Pantanal de Corumbá, entre bichos do chão, pessoas humildes, aves,árvores e rios.
Aprecio viver em lugares decadentes por gosto de estar entre as pedras e lagartos.
Fazer o desprezível ser prezado é coisa que me apraz.
Já publiquei 10 livros de poesia; ao publicá-los me sinto como que desonrado e fujo para o Pantanal onde sou abençoado a garças.
Me procurei a vida inteira e não me achei – pelo que fui salvo.
Descobri que todos os caminhos levam à ignorância.
Não fui para a sarjeta porque herdei uma fazenda de gado. Os bois me recriam.
Agora eu sou tão ocaso!
Estou na categoria de sofrer do moral, porque só faço coisas inúteis.
No meu morrer tem uma dor de árvore.
Auto-retrato falado
Manoel de Barros

I- O UNIVERSO POÉTICO DE MANOEL DE BARROS

Manoel Wenceslau Leite de Barros (Cuiabá MT, 1916), publicou seu primeiro livro de poesia, *Poemas Concebidos Sem Pecado*, em 1937. Formou-se bacharel em Direito no Rio de Janeiro RJ, em 1941. Nas décadas seguintes publicou *Face Imóvel* (1942), *Poesias* (1946), *Compêndio para Uso dos Pássaros* (1961), *Gramática Expositiva do Chão* (1969), *Matéria de Poesia* (1974), *O Guardador de Águas* (1989), *Retrato do Artista Quando Coisa* (1998), *O Fazedor de Amanhecer* (2001), entre outros. A partir de 1960 passou trabalhar como fazendeiro e criador de gado em Campo Grande- MS. Ao longo das décadas de 1980 e 1990 veio sua consagração como poeta.

Manoel de Barros é um dos maiores poetas ainda vivo. Que alçou vôo da literatura mato-grossense para a literatura universal, o mesmo nos apresenta algo novo, um mundo totalmente renovado, um universo que por meio das palavras torna tudo possível, universo este repleto de figuras, metáforas, sinestesias, oximoros, etc., tornando o invisível visível, o impossível possível.

A "brincadeira" predileta do autor é inventar. Toda sua poesia é rodeada pelo caráter inventivo, que não nos remete ao mentir, mas ao afirmado por Fernando Pessoa de que "o poeta é um fingidor" e, portanto a poesia é o palco onde se encenam essas ficcionalidades.

São essas inovações que fazem com que Manoel de Barros seja considerado um poeta da modernidade. As inovações e invenções se dão no nível da linguagem, explorando todos os recursos lingüísticos, ora subvertendo-os, ora inovando e, a medida que essas inovações vão sendo construída, novas imagens vão se configurando.

São as palavras a matéria básica de sua poesia, tendo em vista que é por meio destas que seu mundo renovado se manifesta. O poeta nos revela em uma de suas entrevistas que:

> ...minha poesia se preocupa em produzir uma linguagem. Não sou engajado nas paisagens. Sou engajado nas palavras. Eu sou manobreiro de palavras e não monitor de trilhas ecológicas... (2002)

Manoel de Barros apresenta um estilo variado, mas sua temática sempre é a mesma, as coisas simples que não possuem importância social. O estilo moderno se

manifesta com propriedade e profundidade em Manoel de Barros. Com a literatura moderna vemos emergir uma literatura descontínua e fragmentária, acidental, que fazem fluir as sensações do ser no mundo.

Manoel de Barros não aceita as convenções lingüísticas estabelecidas, subvertendo a sintaxe e a ordem das palavras. De certa forma, Barros abandona a linguagem de expressões surradas, dando lugar a expressões inusitadas, com uma carga de significados novos. Em Manoel de Barros temos uma poesia revolucionária e esta por sua vez é apontada por Paz como:

> Conhecimento, salvação, poder, abandono. Operação capaz de transformar o mundo, a atividade poética é revolucionária por natureza; exercício espiritual, é um método de libertação interior. A poesia revela este mundo; cria outro. Pão dos eleitos; alimento maldito. Isola; une. Convite à viagem; regresso à terra natal. Inspiração, respiração, exercício muscular. Súplica ao vazio, diálogo com a ausência, é alimentada pelo tédio, pela angústia e pelo desespero. Oração, litania, epifania, presença. Exorcismo, conjuro, magia. Sublimação, compensação, condensação do inconsciente. (1982, p. 15)

Paz nos revela uma poesia, até certo ponto, transformadora e libertadora, uma poesia que traz a cena um desconvencionamento, tendo em vista que a poesia pode ao mesmo tempo ser e não ser, representar e não representar, dizer e não dizer.

Hugo Friedrich (1991),destaca que a lírica moderna vem em oposição aos moldes clássicos, pois se torna obscura, fascinante, na medida em que desloca o leitor de seu posicionamento único, levando a multiplicidade, e estranhamento. O leitor ao se deparar com a poética de Manoel de Barros se choca, pois o mundo apresentado através de sua linguagem é estranho. Daí as constantes afirmações que a literatura de Manoel de Barros é difícil.

O estranhamento poético em Manoel de Barros escandaliza e figura um mundo de imagens novas, deslocando o leitor de seu posicionamento convencional, para um universo onde o incomum e o inusitado são marcas principais de sua lírica moderna.

Ocorre nas poesias de Manoel de Barros uma mudança na estrutura poemática casual, que resulta num certo estranhamento poético:

> Desorientação, dissolução do que é corrente, ordem sacrificada, incoerência, fragmentação, reversibilidade, estilo de alinhavo, poesia despoetizada, lampejos destrutivos, imagens cortantes, repentinidade brutal, deslocamento, modo de ver astigmático, estranhamento. (FRIEDRICH, 1991, p. 16)

A lírica moderna rejeita as proposições usuais da língua. Sua poesia a partir dessa desconvenção lingüística torna-se um experimento, dando a linguagem novos significados. Neste sentido a poesia moderna nos leva a um ambiente *não familiar, a um mundo estranho, deformado* (FRIEDRICH, 1991, 16). É neste sentido, que podemos dizer que a poesia de Manoel de Barros pertence a lírica moderna, dado a essa experimentabilidade, esse caráter volátil que leva a um estranhamento semântico, com imagens que cortam a própria imagem e criam um outro universo mítico simbólico.

Suas palavras fogem ao convencionalismo lingüístico e, ao utilizar a linguagem em outro nível notamos imagens fortíssimas de uma natureza viva, ou de personagens míticos.

Ainda estavam verdes as estrelas
quando eles vinham
com seus cantos forjados de lábios.
Os passarinhos se molhavam de
vermelho na manhã
e subiam por detrás de casa para me
espiarem pelo vidro
Minha casa era caminho de um vento
comprido que ia até o fim do mundo.(Barros, 1996: 91)

Manoel de Barros provém de um ambiente pantaneiro, mas não se fixa as imagens exóticas deste universo, tendo em vista que o universo apresentado em sua poesia é recriado. Barros não se utiliza da poesia para descrever o pantanal, mas para destacar os seres mínimos que habitam esse universo. Desse modo, Barros compreende que "encostado no corpo da natureza, o poeta perde sua liberdade de pensar e de julgar. Sua relação com a natureza é agora de inocência". (BARROS, 1990: 329).

O próprio Barros expressa que o "tema de minha poesia sou eu mesmo e eu sou pantaneiro. Então, não é que eu descreva o Pantanal, não sou disso, nem de narrar nada(...) Tenho um lastro da infância, tudo o que a gente é mais tarde

vem da infância"(BARROS, 2002). O tema da poesia de Barros é o nada que vem justamente ser o tudo, um universo de pequenas coisas que adquire grandeza.

Sua matéria de poesia é retirada deste ambiente pantaneiro, mas não encontramos em Manoel de Barros um pantanal exótico, com seres grandiosos deste universo. Seu pantanal é de seres simples e mínimos. Os seres ou as matérias desprovidas de valor social (trapos, ciscos...) que não possuem mais utilidade, passam a ser útil poeticamente. Seu significado é ressignificado passando a ocupar um espaço de grandeza poética.

Segundo Friedrich (1991), a lírica moderna liberta-se da ordem espacial, dos espaços físicos, do ambiente grandioso, estabelecendo uma ligação entre o sublime e o grotesco. Manoel de Barros mostra um universo em que o belo anda aliado ao grotesco, mesclando esses dois pólos, e transformando-os em um só.

Seus poemas apresentam uma sintaxe líquida demonstrando um pensamento volátil, devanioso, que nos deixa encarar um mundo novo de sensações. A poesia de Manoel de Barros é ilógica, irracional, tendo em vista que obstrui todas as vias de acesso às convencionalidades.

Em Manoel de Barros, a "coisa" que nos seus sentidos convencionais se atrela a um determinado objeto, segue um sentido oposto na medida em que "coisa" se fundamenta a partir do sujeito. O poeta não usa a palavra para significar a coisa, a palavra do poeta tem a função de materializar a coisa em si, projetar imagens. As palavras em Manoel de Barros são ressignificadas.

O sentido de invenção poética em Manoel de Barros ocorre no sentido de manipulação da linguagem, ao transgredir as formas lingüísticas estabelecidas, criando novos vocábulos e sentidos para as palavras. Imbricado as subversões lingüísticas temos a temática de sua poesia, o conjunto residual da sociedade. *Tudo aquilo que a nossa civilização rejeita, pisa e mija em cima, serve para poesia* (2007, p. 13)

As invenções poéticas nos levam a uma nova forma de encarar o mundo, uma nova perspectiva, levando-nos a compreensão de que o mundo está em constante transformação. Todas as suas invenções propiciam uma revisitação ao próprio mundo e ao próprio ser no mundo.

Os inventos poéticos em Manoel de Barros dão relevo às estruturas frásicas e formam um jogo lingüístico que demonstra várias possibilidades de arranjos sintáticos como: as surpresas, o acaso, as desutilidades sociais que demonstram suas visão de mundo e a subversão de valores sociais.

Friedrich (1991) revela que estes desvios são caracteres de uma literatura de estranhamento:

> A língua poética adquire o caráter de um experimento, do qual emergem combinações não pretendidas pelo significado, ou melhor, só então criam o significado. O vocabulário usual aparece com significações insólitas. Palavras provenientes da linguagem técnica mais remota vêm eletrizadas liricamente. A sintaxe desmembra-se ou reduz-se a expressões nominais primitivas. (FRIEDRICH, p. 17-8)

Segundo Hilda Magalhães o olhar do poeta através dos desvios lingüísticos cometidos logra a própria ordem das coisas, mostrando um mundo invisível.

> (...) os textos de Manoel de Barros distanciam-se cada vez mais das imagens perfeitas para se adequar a uma proposta genuína, a de filtrar, através de uma lente surreal, a natureza mato-grossense. Instaura-se na obra, pois uma subjetividade que não diz nada de si a não ser pelo seu modo transfigurado e transfigurador de enxergar a natureza. (MAGALHÃES, 2001:148)

A obra de invenção de Manoel de Barros abandona o requinte da linguagem e das imagens, colocando em cheque padrões clássicos a medida que cria um novo mundo.

II- O SER INFANTIL EM MANOEL DE BARROS

> Hoje eu completei oitenta e cinco anos. O poeta nasceu de treze. Naquela ocasião escrevi uma carta aos meus pais, que moravam na fazenda, contando que eu já decidira o que eu queria ser no meu futuro. Que eu não queria ser doutor. Nem doutor de curar nem doutor de fazer casa nem doutor de medir terras. Que eu queria ser fraseador. Meu pai ficou meio vago ao ler a carta. Minha mãe inclinou a cabeça. Eu queria ser fraseador e não doutor. Então, o meu irmão mais velho perguntou: Mas esse tal fraseador bota mantimento em casa?
> Eu não queria ser doutor, eu só queria ser fraseador. Meu irmão insistiu: Mas se fraseador não bota mantimento em casa, nós temos que botar uma enxada na mão desse menino pra ele deixar de variar. A mãe baixou a cabeça um pouco mais. O pai continuou meio vago. Mas não botou a enxada. (BARROS, 2003)

O universo infantil em Barros está intimamente ligado a uma vertente autobiográfica. Este universo faz com que o homem seja transportando para um mundo de possibilidades e realizações, onde a ludicidade é tomada como capacidade de criação de imagens, ligadas ao mundo pueril infantil.

O mundo infantil apresentado na poética de Manoel de Barros é a representação simbólica do trânsito entre o real e o irreal, tendo em vista que a infância é a ponte para as fabulações e recriações do universo em que o homem encontra-se inserido.

O sujeito infantil em Barros é desprovido da racionalidade adulta, da impureza do homem que necessita significar as palavras para se fazer no mundo e se compreender neste. A criança não necessita convencionalizar a língua para se fazer presente no mundo. A criança traz em si esse olhar curioso e singelo que busca o novo sem limites para a descoberta do mundo que a cerca. Ela é capaz de desregrar a visão racional, inverter a câmera e conhecer o não habitual.

> Os poemas de Manoel de Barros endereçam a luta rumo ao desprendimento de tudo que se impõe como regra no cotidiano, ressaltando ainda, que tal atitude libertária é perfeitamente possível dentro do universo lúdico das crianças, sobretudo daquelas que ainda não entraram na fase da gramaticalização da linguagem e, por conseguinte, dos cosmos, daquelas ainda imunes a pensamento racional e maniqueísta daquelas que ainda se encontram na fase dos devaneios oníricos, da imaginação sem limites, da desorganização cósmica. (MARINHO, 2002:42)

Em Barros a criança ultrapassa os próprios limites da palavra e da imaginação, aprender a voar fora da própria asa, a brincar e inventar com o universo lingüístico do adulto. A criança recriar e inventa novos vocábulos, dando a estes novos significados e sentidos.

O universo infantil apresentado na poética de Barros é um universo de sensações em que o sujeito apresenta seu mundo e suas visões que estão diretamente atreladas ao vislumbramento do espaço físico e mítico por ele mesmo recriados.

Segundo Benjamin (1987, p. 77) a criança possui uma capacidade enorme para criar novas perspectivas, construindo seu mundo sem preocupar-se em imitar, mas em dar novos sentidos as coisas e objetos que os cercam. *A infância vê o mundo ilustrado, o mundo com suas cores primeiras, suas cores verdadeiras.* (BACHELARD, 1988: p.110-111).

O regresso poético ao mundo infantil só é possível por meio da expressão lingüística que está intimamente ligada a expressão lúdica. Sua linguagem destinada ao público infantil não é ingênua, com usos e abusos do diminutivo, mas apresenta as criações e fabulações deste mundo.

> Adotar o diminutivo em textos de literatura infantil é um dos absurdos mais comuns entre os escritores (...) Não é preciso escrever casinha, janelinha, portinha, florzinha, só porque o leitor é menor de idade. (NETO, 2002 p. 25)

Barros não traça distinções entre o ser adulto e o ser infantil, buscando diminuir a criança em relação ao adulto, uma vez que para Barros a criança e o adulto são fases de algo eternamente infantil. A criança em Barros é capaz de interpretar o mundo e a natureza da mesma forma que o adulto. A criança tem a capacidade de se fazer presente no mundo e a sentir o mesmo. As crianças também não são nos apresentadas como um adulto em miniaturas, mas as entende como uma construção social.

Manoel de Barros atualmente recorre às memórias para traçar um novo perfil poético. Nestas obras o universo infantil se manifesta de forma predominante. As suas memórias nada tendem a uma visitação ao real vivido

pelo sujeito lírico infantil, mas a um universo de fabulações, de recriações e de imagens inusitadas.

A partir de 2000, Barros lança as Memórias Inventadas- A infância, Segunda Infância e Terceira Infância, compondo desta forma a trilogia de suas memórias.

O título de suas memórias, *Memórias inventadas*, nos remete ao fato de não termos a veracidade, quebrando com a própria convenção de MEMÓRIA, como pressuposto de verdade, uma vez que essa é entrecruzada pelas invenções, maquinações do poeta, assim como as crianças fazem quando estão brincando.

> A mãe disse que carregar água na peneira
> Era o mesmo que roubar um vento e sair
> Correndo com ele para mostrar aos irmãos
> A mãe disse que era o mesmo que
> Catar espinhos na água
> O mesmo que criar peixes no bolso...
> Com o tempo descobriu que escrever seria
> O mesmo que carregar água na peneira.
> No escrever o menino viu
> Que era capaz de ser
> Noviça, monge ou mendigo
> Ao mesmo tempo. (BARROS,Manoel.1999).

Com a presente poesia podemos perceber o universo infantil sendo recriado/inventado. A criança na poesia cria um mundo inventado e a própria poesia se inventa neste mundo. O poeta dá voz ao ser infantil, deixando com que este fabule e invente.

Conforme já mencionado, Manoel de Barros emerge em um momento que denominamos de moderno e este por sua vez traz a cena literária uma nova representação do ser infantil que será aqui discutida, a fim de adentrarmos nesse universo lúdico infantil em suas poesias.

Como tudo em sua poesia é renovado e recriado, a própria imagem da criança não poderia deixar de ser. Neste intento vemos surgir um universo que encanta não pelo exotismo bairrista pantaneiro, mas pelo aspecto lúdico que se apresenta na linguagem e nas ações que compreendem as personagens de suas poesias.

A infância é um estágio na vida onde se pode viver sem regras, sem coisas pré- estabelecidas, de fato ser livre. E é isso que a poesia de Barros nos oferece.

As poesias Manoelinas elegem como elemento primordial a criança, o louco e os andarilhos por entender que esses vivem livres das convenções, criam novos universos e recriam os já existentes, desnominalizam para nomear e assim sugere o percurso dissonante de sua escrita poética.

Ao eleger como tema de sua poesia a criança, o louco, o andarilho, as coisas sem importância, os seres mínimos que habitam o chão pantaneiro ele retorna a todos sua matéria de poesia o nada social, os desprezados e como o próprio poeta afirma que sua poesia busca tornar o desprezível prezado sendo esta coisa que apraz o poeta.

> Meu desagero
> é de ser
> fascinado por trastes.
> (Barros,2001e,p.53)
> È um olhar para o ser menor, para o insignificante que eu me criei tendo.
> O ser que na sociedade é chutado como uma barata – cresce de importância para o meu olho.
> (Barros, 2001, p. 27)

A voz do poeta nestes dois fragmentos nos leva a sua câmera que não mira nos seres grandiosos ou exóticos, mas aos seres mínimos, que estão à margem da sociedade. Elege para matéria de poesia a pobreza, os objetos e as coisas que não têm valor de troca (como latas e parafusos velhos,cisco,lagartixas e formigas). Dentre esses seres, a criança, pois Manoel vê na linguagem da criança a possibilidade de se fazer novas histórias.

> Só as palavras não foram castigadas com a ordem natural das coisas. As palavras continuam com os seus deslimites.
> (Barros, 2001, p.77)

> Além disso, a poesia tem a função de pregar a prática da infância entre os homens. A prática do desnecessário e da cambalhota, desenvolvendo em cada um de nós o senso do lúdico. Se a poesia desaparecesse do mundo, os homens se transformariam em monstros, máquinas, robôs. (1992-p.311)

O homem se difere dos outros animais pela sua capacidade de ter senso lúdico, por imaginar, por sonhar, sentir e muitas vezes se distanciar do mundo lógico, no qual as pessoas se prendem a um estereótipo o qual a sociedade impõe como certo e muitas vezes limitam o pensamento, a fantasia, o verossímil.

A tentativa da literatura é de humanizar o homem, pois a sociedade capitalista pensa no homem enquanto produção, ou seja, o homem tem valor enquanto gera lucros. Sendo assim, não "sobra tempo" para o mundo fantástico, para o mundo de fabulações, sentimentos, de fato para se viver.

> Por isso é necessário romper os limites dos sentidos, deixar que seus atributos transmigrem aleatoriamente, e se fundam de tal forma que a apreensão da realidade pela fantasia destrua a ordem estabelecida pelo pensamento lógico. (1992-p.20)

O que Barros vem nos propor é justamente o abandono do pensamento de sociedade capitalista, até mesmo porque o poeta usa como matéria de sua poesia justamente os seres que estão à margem dessa sociedade, como já havia dito. Sendo assim, podemos pensar em sua poesia como libertadora de sentimentos, de vontades, de sonhos, desenvolvendo em nós a "capacidade" de brincar e criar novos mundos assim como fazem as crianças.

A poesia de Manoel de Barros é mal compreendida e encarada por muitos como difícil pelos recursos e pelo pensamento ilógico. Sua poesia é tencionalmente ilógica, por apresentar um pensamento aquém da realidade e do mundo convencionalizado, indo para um mundo fabuloso.

O poeta vem nos apresentar um olhar interessado, moderno, pelas coisas "sem valor". Suas maiores experimentações estão em nível semântico, a sua estética é uma radicalização metafórica, um processo de reinventar.

Barros encontrou em Rimbaud, o caminho para suas rebeldias. O mesmo recebeu fortes influências não só de Rimbaud, mas também de Oswald de Andrade, podemos perceber essa influência na rebeldia literária de Barros, uma vez que o poeta quebra com a ordem poemática, cria e recria, mostra o invisível diz o indizível.

Rimbaud rebelou-se contra o conservadorismo, a religião, os modelos sociais burgueses, a poética vigente em sua época. Buscou a liberação dos

tesouros subconscientes e inconscientes através de sua poesia. Caracterizou-se pela irreverência temática, pela marcante presença de sinestesias, desenvolvendo uma poesia original.

> Mergulha então no irracional, fugindo ao mundo proposto pelo racionalismo burguês, e descobrindo neste mundo um universo estranho de associações de idéias, lembranças sem significado definido. Universo etéreo e brumoso, de sensações evanescentes que o poeta deve reproduzir através da palavra escrita, se é que existem palavras para exprimí-las.
> (www.portalsaofrancisco.com.br acessado 27/05/09)

Podemos relacionar com o interesse de Barros, que vem justamente falar do mundo sensível, pois o mesmo afirma que

> Não queria comunicar nada. Não tinha nenhuma mensagem. Queria apenas me ser nas coisas. Ser disfarçado. Isso que chamam de mimetismo. Talvez o que chamavam de animismo que me animava. E essa mistura gerava um apodrecimento dentro de mim. Que por sua vez produz uma fermentação. Essa fermentação exala uma poesia física que corrompe os limites do homem. (WALDMAN. P. 12)

É dessa maneira irreverente que Barros vai construir suas obras. Embora o poeta tenha vivido alguns anos em grandes centros como Rio de Janeiro, a raiz de sua poesia está fixada no chão pantaneiro e nas coisas "inúteis".

> Tudo aquilo que nos leva a coisa nenhuma e que você não pode vender no mercado como, por exemplo, o coração verde dos pássaros, serve para a poesia...
> Tudo aquilo que nossa civilização rejeita, pisa e mija em cima, serve para a poesia. (2007 p.12-13)

Assim podemos pensar que esse mundo recriado pelo autor se remete ao sentimento de insatisfação, de rebeldia com o mundo é como se em sua recriação das palavras e dos sentidos criasse um mundo limítrofe entre o sonho e a realidade.*Neste sentido, é sobre sua anulação que se reverte a matéria poética em natureza e sonho.* (1992. p.13)

Os leitores de Barros se deparam com um mundo cheio de imagens, fantasias, cores, criações ímpares. Um universo cheio de metáforas, como por exemplo, o poeta diz:

> Podia dar às pedras costumes de flor. Podia dar ao canto formato de sol.

> E, se quisesse caber em uma abelha, era só abrir a palavra abelha e entrar dentro dela.
> Como se fosse a infância da língua.
> (2004 p.11)

Há uma nova ordem que se instaura através da poética de Barros, de modo que o mesmo "esvazia" a palavra de seu sentido comum, e dá para ela um novo sentido recriando-a inúmeras vezes. As obras do autor não estão voltadas para a ordem racional das coisas, mas aquilo que é anterior a ela, como afirma Hilda Magalhães (2001). A sua poesia exige sensibilidade para que possamos admirar o mundo existente entre o real e o sonho.

Em seu ensaio "Poesia ao Rés do Chão", Berta Waldman, nos mostra um pouco do que propõe a poesia de Barros, analisando o lúdico, a linguagem, o ser infantil entre outros da poesia de Barros.

O lúdico em suas poesias está de maneira que o mesmo brinca o tempo todo com as palavras, o seu jogo de criar novos sentidos, criar uma poesia desconvencionalizada, uma poesia que exige sensibilidade para senti-la. *Eu escrevo com o corpo, poesia não é para compreender mas para incorporar.* (2007 p.37)

Vemos suas invenções e imaginamos uma criança em suas brincadeiras, onde tudo é possível. Nesse mundo as criações são infinitas.

> Isso porque a gente foi criada em um lugar onde não tinha brinquedo. Isso porque a gente havia que fabricar nossos brinquedos: eram boizinhos de osso, bolas de meia, automóveis de lata. Também a gente fazia de conta que sapo era boi de cela e viajava de sapo. Outra era ouvir nas conchas as origens do mundo. (2003 p. XV)

> João foi na casa do peixe remou a canoa depois, pan, caiu lá embaixo na água. Afundou. Tinha dois pato grande. Jacaré comeu minha boca do lado de fora. (1999)

Nos dois poemas vemos as fabulações da criança, no segundo podemos perceber a linguagem de um ser infantil tendo voz dentro da poesia. Podemos pensar numa criança ainda sendo alfabetizada, e vemos ainda um mundo que não corresponde ao mundo real. Temos vários exemplos ao longo das obras de Barros. Como podemos ver em "A menina avoada".

> ... meu irmão pregava no caixote duas rodas de lata de goiaba. A gente ia viajar. As rodas ficavam cambaias debaixo do caixote: uma olhava para a outra. Na hora de caminhar as rodas se abriam para o lado de fora. De forma que o carro se arrastava no chão. Eu ia pousada dentro do caixote com as perninhas encolhidas. Imitava estar viajando. Meu irmão puxava o caixote por uma corda de embira. Mas o carro diz -que era puxado por dois bois. Eu comandava os bois:
> _ Puxa Maravilha!
> _ Avança Redomão!
> Meu irmão falava que eu tomasse cuidado porque Redomão era coiceiro. (Barros. 1999)

Nesses poemas vemos as maquinações, as invenções, as brincadeiras do Poeta. É nesse universo infantil que o mesmo constrói suas poesias, usando a linguagem da criança, pois nela estão os deslimites das palavras.

Barros vê o ser infantil não como o ser que não têm voz, mas um ser inquieto, inventivo e transgressor.

> No descomeço era o verbo. Só depois é que veio o delírio do verbo.
> O delírio do verbo estava no começo, lá onde a criança diz: Eu escuto a cor dos passarinhos. A criança não sabe que o verbo escutar não funciona para cor, mas para som.
> Então se a criança muda a função de um
> verbo, ele delira.
> E pois.
> Em poesia que é voz de poeta, que
> é voz de poeta, que é a voz
> de fazer nascimentos -
> o verbo tem que pegar delírio.(1993 p.15)

Nesse poema do Livro das Ignorãças, temos sinestesias, mudando a ordem real e criando um novo mundo, como já mencionado. Esse "descomeço" é o que vem antes do começo, podemos então pensar no caos, é justamente o caos que é a perfeição para Barros, pois não se tem ordem, definições estabelecidas. E de fato o ser infantil rompe com tudo isso, que é o que podemos perceber no poema acima.

O poeta aponta pra a incompreensão do adulto que não ouve a criança, considerando-a um ser incompleto, em devir, ignorando toda a sua capacidade de criação e comparação.

> O pente estava próximo de não ser mais um pente. Estaria mais perto de ser uma folha dentada... o fato é que o pente estava sem costela... (2003 p.3)

Ainda pensando na linguagem e no universo infantil, podemos perceber a capacidade da criança de enxergar semelhanças entre o objeto e o ser (o pente e a folha), isso a difere dos adultos, já que estes estão "presos" à realidade. O que a criança faz é reinventar objetos por meio das palavras, do mesmo modo que o poeta.

Em Manoel de Barros o que de fato interessa é sua poesia. O poeta mesmo encontrando-se inserido em ambiente pantaneiro, não reduz sua tessitura lúrica a um mero descritivismo desse ambiente, tendo em vista como afirma o próprio Barros, o poeta quando encosta na natureza produz um texto inocente.

Barros vai muito além desse descritivismo bairrista/ regionalista e acomete um mundo um mundo mágico de seres simples retirando desse ambiente certo substrato do homem e do mundo. O mesmo não utiliza a arte para informar, criticar algo, até mesmo porque não é essa a função da Arte como um todo. No jogo com a linguagem o poeta utiliza uma voz infantil como sujeito de sua enunciação poética.

> Gosto de furar gramáticas e entortar sintaxes. Um pouco depois a: A criança está disponível para a poesia. Ao ponto de poema. A criança não sabe o comportamento das coisas. E pode inventar. Pode botar aflição nas pedras e assim por diante. As crianças não sabem que pedra não tem aflição ou se os peixes dão flor.Barros in (WWW.screamyell.com.br)

Em entrevista ao Jornal de Poesia, entrevista concedida a André Luiz Barros, o poeta afirma se considerar acima de tudo um "fazedor de frases": "a frase para ser boa precisa ser ilógica, o ilogismo é muito importante pois a razão diminui a poesia."

Essa criação a partir do ilogismo muito se remete ao olhar infantil, pois as crianças fazem criações imaginárias o tempo todo e sem se preocuparem com a realidade. Pois de fato para elas tudo é verossímil e é essa "inocência" que permitirá criações fantásticas a elas entre uma brincadeira e outra, pois suas brincadeiras nada mais são do que reinventar o existente de maneira fantástica,

sem pensar que num plano realista as pedras não tem aflição e os peixes não dão flor.

Ao escrever a Trilogia: Memórias Inventadas: A infância, A segunda infância e A terceira infância, que vão "retratar" a vida do autor. O mesmo vê a vida em três fases e as representa nas três infâncias. A primeira é a infância mesmo, a segunda a mocidade e a terceira a maturidade.

Todas as três obras começam com um poema em comum e é o mesmo poema que abre o nosso trabalho.

Como o próprio título propunha devemos nos atentar que são "memórias inventadas" e há ainda uma frase do poeta muito interessante que também está na apresentação do livro "Tudo o que não invento é falso."

Na sua primeira narrativa da coleção o mesmo fala do cotidiano de uma criança do interior, ou seja, do próprio poeta, pois o mesmo têm raízes pantaneiras.

> Cresci brincando no chão, entre formigas. De uma infância livre e sem comparamentos. Eu tinha mais comunhão com as coisas do que comparação. Porque se a gente fala a partir de ser criança, a gente faz comunhão: de um orvalho e sua aranha, de uma tarde e suas garças, de um pássaro e sua árvore. Então eu trago de minhas raízes crianceiras a visão comungante e oblíqua das coisas. (2003)

Vemos várias características do autor e de todas as suas obras nesse trecho é muito interessante o seu modo de criação, o modo como vai recriando as frases, os sentidos. Remete-nos a imagem da criança brincando sozinha imaginando mundos, criando e recriando coisas, objetos, histórias.

Em Poemas Concebidos Sem Pecado (1937), temos a apresentação do "Cabeludinho"

> Sob o canto do bate-num-quara nasceu Cabeludinho
> bem diferente de Iracema
> desandando pouquíssima poesia
> o que desculpa a insuficiência do canto
> mas explica a sua vida
> que juro ser o essencial
> _ Vai desremelar esse olho, menino!
> _ Vai cortar esse cabelão, menino!
> Eram os gritos de Nhanhá.(1937-p.9)

Em análise a esse poema podemos pensar numa infância de fato vivida pela criança, não algo em que se cria um ideal de infância, onde a criança é um

reflexo do que se deve fazer e do que não se deve, não deixando que a criança de fato viva. Quando o poeta fala "Sob um canto do bate-num-quara nasceu Cabeludinho bem diferente de Iracema..."

Como sabemos Iracema é um romance de José de Alencar, onde se funda um ideal de Brasil e de povo Brasileiro, há toda uma exaltação à criação ou ao nascimento de Iracema, a índia dos "lábios de mel", onde o autor busca de fato uma exaltação para as belezas naturais não só de Iracema, mas do Brasil. Em Cabeludinho temos uma perspectiva diferente, pois não temos uma exaltação, nem uma fundação de algo fantástico, mas uma criança vivendo tal qual uma criança, nao como um imaginário como muitos outros autores e poetas nos propõe.

Com diz o Poeta, " não queria comunicar nada. Não tinha nenhuma mensagem. Queria apenas me ser nas coisas."(in Waldman,1992. P.12) Vemos então implícito na poesia características que podemos assimilar não só as crianças, mas a infância do próprio poeta, pois vemos na poesia uma criança sendo, assim como diz o poeta que o mesmo só queria ser em suas poesias.

Desta forma *a infância é larga, quase sem margens, como um chão que cede a nossos pés e nos dá a sensação de que nossos passos se afundam.* (Bosi, 1994: 415)

Considerações Finais

É possível pensar diante do nosso trabalho que sem dúvida que a poesia de Manoel de Barros é renovada, tanto no que diz respeito a sua temática que não está nos seres exóticos do pantanal e a maneira que se configura.

O que Barros nos mostra é o abandono aos pensamentos da sociedade capitalista, pois sua poética está voltada aos seres que estão à margem dessa sociedade. Em Waldman o poeta afirma que não queria comunicar nada queria apenas ser nas coisas. Barros estabelece uma relação entre o sublime e o grotesco. Sua poesia é ilógica, irracional, fugindo totalmente das convencionalidades. O poeta projeta imagens a partir de suas palavras, as mesmas são ressignificadas dentro das suas poesias.

Segundo Friederich(1931) a poética de Barros apresenta uma literatura de estranhamento. "*A língua poética adquire um caráter de experimento, do qual emergem combinações não pretendidas pelo significado.*" Com esse caráter de estranhamento de expressões renovadas é que Barros constrói sua poética. Quanto as memórias que vão nortear o nosso trabalho é possível pensar assim como o próprio Barros diz que são lastros da infância, tudo que a gente é mais tarde vem da infância. As Memórias Inventadas são de fato muito interessantes pela linguagem, pela maneira da construção por estarem sempre ligadas ao lúdico, à troca de significados, a atribuição de novos significados ao longo de suas criações. Sem dúvida o universo infantil é o melhor para a representação dessas fabulações, criações, que o poeta faz em toda sua poesia.

O mundo infantil apresentado na poética de Manoel de Barros é a representação simbólica do trânsito entre o real e o irreal, tendo em vista que a infância é a ponte para as fabulações e recriações do universo em que o homem encontra-se inserido.

Assim como vemos em Marinho (2002) que, a liberdade buscada é perfeitamente encontrada no universo lúdico, principalmente naquele da criança que ainda não foram gramaticalizadas, porque é uma fase que a imaginação é sem limites.

Em Benjamin (1987) a criança possui a capacidade de criar novas perspectivas, criando um mundo sem se preocupar em imitar, mas em dar novos sentidos as coisas e os objetos que os cercam.

Diante das leituras feitas, dos autores trabalhados, podemos pensar nesse universo infantil como a possibilidade de alcançar o impossível, pois as criações são originais, os sentidos vão sendo novamente atribuídos, se é possível misturar sentimentos, cores, sabores e criar novos sentidos, e o ser infantil é o mais apto para realizar essas construções.

Em Barros as crianças não são seres diminutos, mas o adulto e o infantil são apenas diferente fases de algo eternamente infantil. Sendo assim podemos entender o porquê que as Memórias Inventadas é uma coleção de três infâncias cada uma representando uma fase da vida e ao mesmo tempo sendo algo de uma infância eterna, pois é com essa perspectiva que foi escrito.

A infância é um estágio da vida onde se pode viver sem regras, sem coisas pré-estabelecidas, de fato ser livre, e a poesia de Barros nos propõem uma vida assim além da infância enquanto somos pequenos, mas vivermos eternamente "infantis" para sermos grandes. Entender a poesia como libertadora de sentimentos, de vontades, de pensamentos, de sentimentos, ser livre para criar e recriar novas possibilidades de pensamento. As obras do autor não estão voltadas para a ordem racional das coisas, mas aquilo que é anterior a ela, assim é necessário sensibilidade para sentir o mundo limítrofe entre o sonho e a realidade.

BIBLIOGRAFIA

Obras de Manoel de Barros utilizadas no trabalho

Manoel de Barros . **Ensaios fotográficos**. São Paulo: Record, 2000.

_____. **Gramática expositiva do chão (poesia quase toda).** 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992.

_____. **Livro sobre nada.** São Paulo: Record, 1996.

_____. **O livro das ignorãças**. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994.

_____. **Memórias Inventadas- A infância**. Rio de Janeiro: Planeta, 2003

_____. **Livro de Pré-Coisas**. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.

_____. **Exercícios de ser criança**. Rio de Janeiro: Salamandra, 1999.

_____.**Poeminhas pescados numa fala de João**. 5 ed. Rio de Janeiro: Record,1999.

_____**Poemas rupestres**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

Referências Bibliográficas

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo na poesia**. São Paulo, Cultrix, 1993.

_____. **O pré-modernismo**. São Paulo: Cultrix, 1961.

_____. **História concisa da literatura brasileira**. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1982.

BOSI, Ecléia. **Memória e sociedade: lembranças de Velhos**. São Paulo, Companhia das Letras, 1994

CAMARGO, Goiandira. **A poética do fragmentário - Uma leitura da poesia de Manoel de Barros.** Tese de doutorado, Rio de Janeiro, 1996.
CAMPOS, Haroldo. **Metalinguagem.** Rio de Janeiro, Cultrix, 1967
CASTRO, Afonso Pe. **A poética de Manoel de Barros.** UCDB
FERNANDES, José. **O Poeta da Linguagem**. Rio de Janeiro, Presença, 1983.
_____. **A Polifonia do Verso**. Rio de Janeiro, Âmbito Cultural Edições LTDA, 1978.
CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária.** São Paulo: Nacional, 1976.
CARVALHO, Carlos Gomes de. **A Poesia em Mato Grosso – um percurso histórico de dois séculos.** Cuiabá: Verdepantanal, 2003.

PAZ, Octavio. **O arco e a Lira**. Trad. Olga Saravy. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003

MAGALHÃES, Hilda Gomes Dutra. **A História da Literatura de Mato Grosso - Século XX.** Cuiabá: Unicen Publicações, 2001. 328p. (Coleção Tibanaré, v.1)

MARINHO, Marinho et. al. **O brejo e o solfejo.** Brasília: Ministério da Integração: UFMT, 2002.(Coleção Centro-Oeste de Estudos e Pesquisas)

MARTINS, Nilce Sant'ana. **Introdução à estilística.** São Paulo, T.A Queiroz, 1989

MENDONÇA, Rubens. **História da literatura mato-grossossense.** Goiás: Rio Bonito, 1970.

MIRANDA, Wander Melo. **Fios da Memória**. Trabalho apresnetado ao curso de Memorialismo e Autobiografia, 1988, UFMG

MOISÉS, Massaud. **A criação literária**. São Paulo: Melhoramentos, 1977

MONTEIRO, José Lemos. **A estilística**. São Paulo, Ática, 1991

OLIVEIRA, Edson Santo. **O Tear da Memória e Infância**. Trabalho apresentado no curso Memorialismo e Autobiografia, 1988, UFMG

RAMOS, Isaac N. A. & RODRIGUES, Agnaldo (Org.) **Ensaios de Literatura Comparada: Portugal, Brasil, Cabo Verde e Angol**a. Cáceres: Unemat Editora: Instituto de Linguagem, 2004.

RAMOS, Isaac Newton Almeida. **As linguagens de Fernando Pessoa e Manoel de Barros**(separata). In: --- Brasil – 500 anos de Língua Portuguesa (Congresso Internacional). Rio de Janeiro: ABF/SBLL/UERJ; Agora da Ilha, 2000.

ROLON, Renata Beatriz B. **A prosa poética de Manoel de Barros**. 2006. Dissertação(Mestrado em Estudos Literários)- Universidade Federal de Mato Grosso.

VALERY, Paul. **Variedades**. São Paulo, Iluminuras, 1991

Bibliografia Geral(Teoria Literária, história literária e questões gerais)

CHALHULB, Samira. **A Metalinguagem**. São Paulo, Ática, 1986

BATISTA, Orlando Antunes. **Lodo e ludo em Manoel de Barros**. Rio de Janeiro: Presença, 1989.

CHOCIAY, Rogério. **Teoria do verso.** São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1974.

FERNANDES, José. **A loucura das palavras**. Barra do Garças: UFMT, 1987.

FERNANDES, José. **O poeta do pantanal**. Rio de Janeiro: Presença, 1987.

JAKOBSON, Roman. **O que é a poesia**. In: TOLEDO, Dionísio (Org.) Círculo Lingüístico de Praga: estruturalismo e semiologia. Porto Alegre: Globo, 1978.

_____. **Lingüística, Poética, Cinema.** São Paulo, Perspectiva, 1970.

LANDEIRA, José Luis Marques Lopes. **A construção do sentido na poesia de Manoel de Barros: Estudo dos elementos expressivos fonéticos e morfossintáticos.** (dissertação de mestrado).

REVISTA DE ESTUDOS ACADÊMICOS E LITERÁRIOS. Cáceres: Unemat Editora: Dep. de Letras de Cáceres.

REVISTA *ECOS*. Agnaldo Rodrigues (Org.). Cáceres: Unemat Editora: Instituto de Linguagem: 2004.

REVISTA *POLIFONIA*. Instituto de Linguagens da UFMT. Cuiabá: Editoria Universitária.

ROSA, Maria da Glória Sá e outros. **Memória da Arte em Mato Grosso do Sul**. Campo Grande, UFMS/CECITEC, 1992

STAIGER, Emil. **Conceitos fundamentais da Poética.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975

ANEXOS

Jornal de Poesia

José Castello

Manoel de Barros busca o sentido da vida

Poeta diz ter solidão, mas acha que é opulência da alma e a traz, em sua obra, como amargor e sol

Manoel de Barros ficou perto de cinco meses com um longo questionário que lhe enviei pouco antes do carnaval deste ano. "Vou responder devagar e do meu jeito", ele me advertiu na época. Aceitei suas condições. Não imaginei, porém, que necessitasse de tanto tempo. Barros seguiu, em parte, as instruções de seus novos editores, da Record, que preferiam ver uma grande entrevista publicada no Estado apenas na época do lançamento do Livro sobre Nada. Mas não foi só essa preferência que o fez deixar o questionário de lado por um período tão longo. O poeta é um homem de hábitos lentos, que gosta de meditar muito antes de agir e não está acostumado a trair seu temperamento interiorano. Finalmente, no dia 12, ele despachou de Campo Grande, pelo correio, suas respostas a algumas perguntas que formulei. Assim começa um breve bilhete

anexo: "Aí está o que pude; peço desculpas pela demora." Manoel de Barros respondeu por escrito, em organizadas folhas brancas do tipo ofício, datilografadas com esmero. Corrigiu os erros com a esferográfica, numerou metodicamente as questões e grampeou as páginas.

É um homem, sempre, cheio de cuidados. Antes de aceitar o convite da editora Record para se transferir - "proposta irrecusável por todos os motivos, até mesmo os financeiros", limita-se a dizer -, o poeta consultou José Elias Salomão, o proprietário da Civilização Brasileira. "Falei com ele e tudo bem; ficamos em paz todos", relata. A morte recente do editor Ênio Silveira, por certo, influenciou nessa decisão. Manoel de Barros se sentia tão ligado a Ênio que, enquanto ele estava vivo e mesmo com as condições precárias que a editora Civilização Brasileira atravessou na última década, não ousou mudar de casa. Os laços de amizade e a fidelidade pesaram mais que os interesses pessoais. Cada um de seus últimos livros editados por Ênio Silveira, mal ou bem (e, considerando que são livros de poemas, esses números são ótimos) vendeu, de todo modo, perto de 10 mil exemplares. "Acho que, na Record, esse número deve crescer por causa da estrutura de marketing da editora", diz. Apesar desse otimismo, Manoel de Barros continua a ser um homem basicamente melancólico e pessimista. "Acho que no futuro o homem vai pedir pelo amor de Deus para conhecer uma árvore, um passarinho, um cavalo", diz. "Tenho medo

que a ciência acabe com os cavalos, com a luz natural, com as fontes do ser." A seguir, as questões que ele decidiu responder.

Estado - Em que medida Mato Grosso do Sul está presente em sua poesia? Qual é sua relação com o regionalismo?
Manoel de Barros - Há sempre um lastro de ancestralidades que nos situa no espaço. Mas não importa muito onde o artista tenha nascido. O que marca um estilo literário é a maneira de mexer com as palavras. Poesia é um fenômeno de linguagem. De minha parte, confesso que fujo do regionalismo que não dê em arte, que só quer fazer registro. Não gosto de descrever lugares, bichos, coisas da natureza. Gosto de inventar. Quem descreve não é dono do assunto; quem inventa é. Não tenho compromisso com as verdades consagradas. O que desejo é me constar por meio de um trabalho estético. Se de tudo resultar um cheiro de coisa do chão, é bom. Pode até ser que seja regionalismo. Porém, há de ser mais transfigurismo pela palavra.

Estado - Você se sente isolado em Campo Grande?
Barros - Isolado não me sinto, juro. Às vezes me isolo, me tranco na minha toca para escrever, para ler, para imaginar. Parece que, no fechado, o imaginário se solta melhor. O que sinto mesmo é incompletude: essa falta de explicação para

o sentido da vida. O que tenho é solidão. Mas solidão é opulência da alma. Tudo isso parece que destila amargor e sol na minha poesia.

Estado - As viagens marcaram sua poesia? Penso em um poeta como Vinícius de Moraes que, em cada cidade que viveu, parece ter sido um homem diferente.
Barros - Alguns anos da minha vida ambulei por lugares decadentes. Havia um certo fascínio em mim por cidades mortas, casas abandonadas, vestígios de civilizações. Um fascínio por ruínas habitadas por sapos e borboletas. Eu gostava de ver alguma germinação da inércia sobre ervinhas doentes, paredes leprentas, coisas desprezadas. As fontes de minha poesia, estou certo, vêm de errâncias desurbanas. Agora, o caso do Vinícius é outro. Ele é um poeta inumerável. Ele vem das grandes paixões, das grandes complexidades, das perplexidades humanas. Ele era 300, ele era 350, como diria o nosso Mário de Andrade. Manoel de Barros só é um bugre perturbado.

Estado - Existe essa entidade chamada poesia brasileira ou existem apenas poetas nascidos no Brasil?
Barros - Penso que existe sim uma poesia brasileira. Uma poesia que expressa a nossa alma e o nosso quintal. Porém, a linguagem, o tratamento que o poeta imprima à sua matéria pode fazer dele um poeta universal. Assim, as nossas particularidades podem ser universais por

meio das palavras. Temos poetas do mundo nascidos no Brasil.

Estado - Como foi sua relação com o editor Ênio Silveira, recém- falecido?
Barros - Do Ênio fui amigo e companheiro desde o primeiro dia que conversamos. Uma das criaturas mais puras, mais honestas, mais idealistas que conheci. Um ser de escol - como se diz. Trocamos cartas por muitos anos. Trocamos amizades. Mandava a ele os meus originais e ficava quieto, esperando. De repente, me mandava as provas. Fazia questão de escrever as orelhas. Tenho cinco livros lançados por ele.

Estado - Como é hoje sua rotina de poeta?
Barros - Exploro os mistérios irracionais dentro de uma toca que chamo "lugar de ser inútil". Exploro há 60 anos esses mistérios. Descubro memórias fósseis. Osso de urubu, etc. Faço escavações. Entro às 7 horas, saio ao meio-dia. Anoto coisas em pequenos cadernos de rascunho. Arrumo versos, frases, desenho bonecos. Leio a Bíblia, dicionários, às vezes percorro século para descobrir o primeiro esgar de uma palavra. E gosto de ouvir e ler Vozes da Origem. Gosto de coisas que começam assim: "Antigamente, o tatu era gente e namorou a mulher de outro homem." Está no livro Vozes da Origem, da antropóloga Betty Mindlin. Essas leituras me ajudam a explorar os mistérios irracionais. Não uso computador para escrever. Sou metido. Sempre acho que na ponta de meu lápis

tem um nascimento.

Estado - Seu último livro publicado se chama O livro das Ignorãças (Civilização Brasileira, 1983). A citação de abertura é eloqüente: "As coisas que não existem são mais bonitas." Qual é o papel da ignorância na atividade poética?
Barros - Gosto de ver o que não aparece. Um que não era o adivinha de Tebas, o Tirésias, um que era apenas o Pote-Cru, andejo de beira de rios, criado em grotas de preá, me disse um dia: "Eu tenho vaticínios de lugares." Pote-Cru, ele tinha percepções sensoriais largas, como os adivinhos, os videntes, os bruxos, os urgos, os demiurgos, os curandeiros, os magos. Essa gente toda usa muito a ignorância para nos conhecer. Como é que eles podem dizer: "Vi a tarde se encolher no olho de um pássaro?" Entretanto, se encolhe! Como é que eles podem dizer: "Os carrapichos não pregam no vento." E, entretanto, não pregam. Essas descobertas vêm da ignorância.

Estado - Você vive em uma região brasileira em que a natureza, mal ou bem, ainda resiste. Há futuro para a natureza?
Barros - No grande futuro, não sei o que seja, acho que o homem vai pedir pelo amor de Deus para conhecer uma árvore, um passarinho, um cavalo. Tenho medo que a ciência acabe com os cavalos, com a luz natural, com as fontes do ser. Aquela liberdade que o homem tem de se sentir livre para o silêncio das árvores não vai ter

mais. O idioma não vai servir mais para celebrar. O ser não vai mais comungar com as coisas. A imaginação não vai mais desabrochar, porque os nossos desejos e fantasias serão realizados. O mundo vai ter outro cheiro. Salvo não seja.

(in O Estado de São Paulo, Caderno 2)

Leia a obra de Manoel de Barros

Início desta página

O tema da minha poesia sou eu mesmo

Entrevista concedida a André Luís Barros

A natureza nunca mais foi a mesma depois de passar por suas frases. O poeta pantaneiro Manoel de Barros, que está lançando um novo ajuntamento de versos e vida, o Livro sobre nada (Editora Record) , se considera acima de tudo um "fazedor de frases": "A frase para ser boa precisa ser uma coisa ilógica, o ilogismo é muito importante pois a razão diminui a poesia", ensina. Avesso a entrevistas, quanto mais por telefone, Manoel de Barros, considerado por muitos o maior poeta brasileiro vivo, concordou em concedeu conversar com o caderno Idéias, por telefone, de sua casa em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, onde vive a quatro horas de sua fazenda de criação de gado e costuma sair à tarde para "desenferrujar" e bicar umas pingas com amigos. Com simplicidade, o autor de livros como Compêndio para uso dos pássaros (1960), Arranjos para assobio (1982), Livro de pré-coisas (1985) e O guardador de

Archivo de Bellas Artes

águas (1989) falou sobre paixões literárias, o gosto pelo ócio e por programas divertidos na televisão, como Os trapalhões e até o mexicano Chaves e lembrou até um insuspeitado passado no Partido Comunista. "Mas nunca fui afeito a grupos, gerações, não podia mesmo durar muito naquele partido. Hoje, conquistei o ócio, o que é muito importante para o poeta", comemora.

André Luís Barros - O senhor só ficou famoso como um grande poeta depois dos 70 anos. Isso foi algo planejado, ou aconteceu por acaso?
Manoel de Barros - Isso é negócio do meu temperamento. Nunca tive projeto, só livro. Também nunca achei que precisasse me isolar no Pantanal para compor melhor. Sou pantaneiro, nasci aqui, só podia viver e escrever mesmo sobre as coisas daqui. Mas nunca tive preocupação em aparecer muito, ser uma pessoa conhecida, isso é sincero mesmo. Eu queria só fazer poesia. A minha vergonhez explica muita coisa. Sou tímido por temperamento, é possível que só seja poeta por causa disso. Sou um ser abúlico, tenho minhas contradições e tento me encontrar através da poesia. É claro que sucesso é bom, ser amado, admirado pela poesia é bom, quem disser que não está mentindo. Fui descoberto de repente, as pessoas começaram a me perceber. Nunca na minha vida fui de participar muito de grupo. Acho que em poesia também não

pertenço a nenhuma geração, a tal geração de 1945 não é a minha, e vejo outros poetas, como João Cabral de Melo Neto, que não é de geração nenhuma. Aliás, como classificar o Rimbaud? Em que geração classificamos o Augusto dos Anjos? Eles são simplesmente grandes poetas.

ALB - O senhor conheceu, tem uma grande admiração e até prometeu um livro sobre João Guimarães Rosa. O primeiro livro dele, o inédito Magma, será lançado em breve. Onde está o livro prometido?
MB - Foi adiado. O Ênio Silveira tinha me sugerido fazer esse livro e eu topei o negócio, fiquei animado. Mas quando fui escrever, em vez de ser minha, a frase que saía era do Rosa. É que eu tinha relido muita coisa dele e fiquei impregnado. Não convém isso, não é bom porque você acaba mergulhado mesmo na obra do autor, acaba afogado. Anos atrás eu tinha tentado fazer um ensaio quase lingüístico sobre o conto Cara-de-Bronze, do Rosa, de que gosto muito. Mas me embananei todo, no meio. Eu não falo mais que três línguas e o Rosa conhecia língua demais, achei que seria possível fazer o ensaio mas ficou muito difícil. Disseram que o Magma não é tão bom quanto os outros livros do Rosa. Realmente ele tinha talento mesmo era para a prosa, e o engraçado é que ele foi poeta no fim da vida. Geralmente o sujeito é poeta aos 18 anos, quando aparecem as espinhas, e depois pode virar prosador. Mas há versos perfeitos no livro Ave, palavra, seu último livro, e Tutaméia e A terceira

observou-se também a presença de
fragmentos de cerâmica e lítico, além
de 1 peça inteira de machado polido.
Nesse mesmo sítio, também foram
encontrados vestígios de fogueira
com ossos de animais e fragmentos
de cerâmica.

Em 1977, foi realizada uma
prospecção pelo arqueólogo
Pedro Ignácio Schmitz, na área
onde está sendo construída a
Usina Hidrelétrica de Machadinho.
Foram localizados 17 sítios
arqueológicos, sendo 16 a céu
aberto e 1 em gruta. Foram
coletados 1.500 artefatos líticos
e cerâmicos, além de ossos
humanos e de animais.
Foram também encontrados
vestígios de fogueiras.
Foram também encontrados
vestígios de fogueiras.

margem do rio são pura poesia. Eu sou mais de fazer frases, sou bom em criar frases.

ALB - O seu trabalho é mais fragmentado.
MB - Cada vez mais. O próprio mundo está obrigando a gente a se fragmentar. É uma falta de unidade, o homem moderno não tem mais as grandes unidades, como Deus. A gente não tem crença em mais nada, aliás, toda a arte deste século é fragmentada, ninguém defende mais uma ideologia, hoje. O homem não acredita mais nem em ideologia, as religiões estão se fragmentando, o protestantismo está se dividindo, o cristianismo.

ALB - O senhor é religioso?
MB - Sim, tenho formação católica, estudei dez anos interno em colégio de padre. Evidente que depois de alguns anos eu era comunista. Foi minha fase libertária, fui filiado ao Partido. Foi ali que conheci o Carlos Lacerda. O Apolônio de Carvalho me botou lá, depois ele foi da dissidência do Partido. Fui companheiro do Lacerda, que na época era muito diferente do que ele se tornaria, era comunista mesmo.

ALB - Até que ponto a despreocupação com o dinheiro é importante para o poeta?
MB - Levei vários anos até conquistar o ócio, isso é importante para o poeta, ele não pode ter a cabeça virada só para coisas a resolver. Fiquei muitos anos arrumando minha vida, saldando dívidas, atendendo papagaio. Há oito anos, cheguei aqui pra

Mato Grosso, tomei pé aqui. Agora estou vagabundo, tenho direito a isso. Herdei uma fazenda, em campo aberto, terra nua, sou fazendeiro de gado, vaca, não sou "o rei do boi, do gado" mas vivo bem. Este é o meu caso: enquanto estava tomando pé da fazenda não escrevi uma linha. Mas sabemos de outros casos, como o Dostoiévski, que escreveu perseguido por dívidas, ou o Graciliano Ramos, que além das dívidas ainda tinha família pra criar.

ALB - Qual é o tema do poeta?
MB - O tema do poeta é sempre ele mesmo. Ele é um narcisista: expõe o mundo através dele mesmo. Ele quer ser o mundo, e pelas inquietações dele, desejos, esperanças, o mundo aparece. Através de sua essência, a essência do mundo consegue aparecer. O tema da minha poesia sou eu mesmo e eu sou pantaneiro. Então, não é que eu descreva o Pantanal, não sou disso, nem de narrar nada. Mas nasci aqui, fiquei até os oito anos e depois fui estudar. Tenho um lastro da infância, tudo o que a gente é mais tarde vem da infância. Nesse último livro meu, Livro sobre nada, tem muitos versos que vieram da infância. Tem um poema que se chama "A arte de infantilizar formigas". Num vídeo que fizeram sobre mim, o rapaz chega uma hora que pergunta: "Escuta aqui, o senhor escreveu que formiga não tem dor nas costas. Mas como é que o senhor sabe?". Outro rapaz me escreveu do Rio, diz que freqüenta as aulas de um professor muito inteligente em energia nuclear, física, poesia e romance, e

ele fez a pergunta, que é um verso meu: "Professor, por que a 15 metros do arco-íris o sol é cheiroso?". O professor, que tinha estudado Einstein e outros autores, disse: "Essa pergunta não vou responder, é absurda". Ou seja, encabulou. Creio que a poesia está de mãos dadas com o ilógico. Não gosto de dar confiança para a razão, ela diminui a poesia.

ALB - Como é seu dia-a-dia?
MB - Pela estrada, chego a minha fazenda em quatro horas, estou bem perto do Pantanal. Agora o clima é seco, e dá para correr de carro. Mas quando a estrada enche, só de avião. Fico em casa lendo, escutando músico, vejo televisão. De manhã, fico escrevendo, terminando livro, fazendo entrevista.

ALB - Hoje, o senhor lê que autores?
MB - Já li muita coisa séria, além dos escritores, li filosofia, Nietszche, Kant, Walter Benjamim, Adorno, essas coisas. Mas hoje tô lendo mais porcaria mesmo, quero descansar a cabeça. E estou com a vista meio ruim. Vejo também muitas coisas engraçadas na TV, o Didi e o Dedé (Os trapalhões), o Chaves, sabe quem é?, aquele chato mexicano. E escuto muita música. De tarde, saio pra tomar umas pingas, enquanto meu fígado não arrebentou. Mas às vezes sofro aqui nessa cidade. A poesia faz da gente uma espécie de mito, e as pessoas acabam fazendo da gente uma imagem diferente da realidade. Tem gente aqui que pensa que eu vivo

isolado, sozinho, sem amigos, falam que eu sou intratável. Não sou isolado, não.

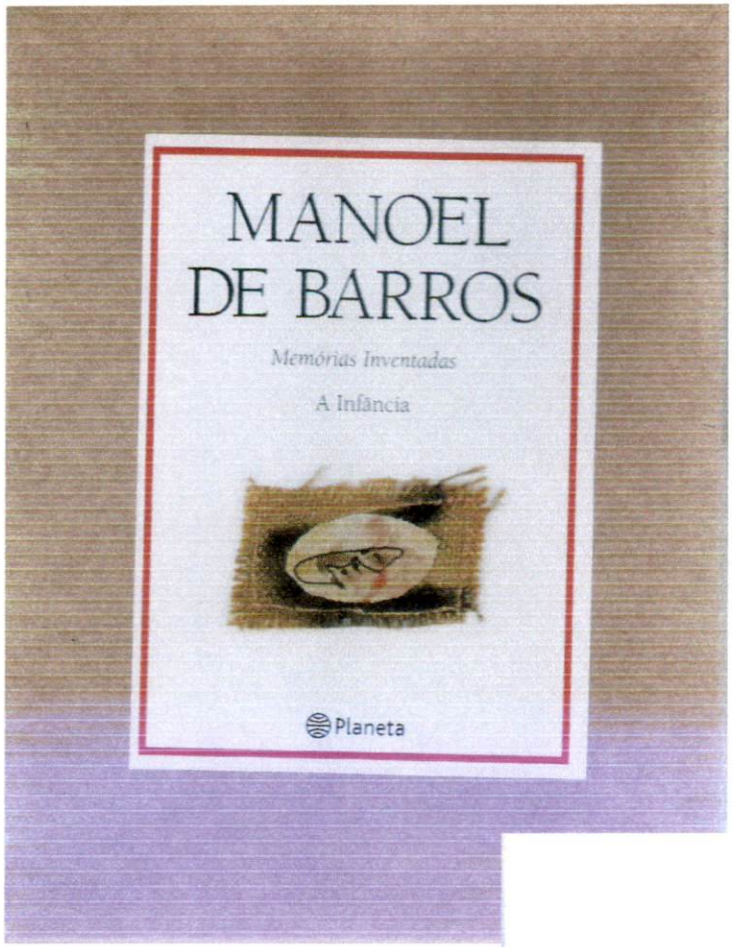
ALB - Como nasceu seu amor pelo trabalho da linguagem?
MB - Sempre tive uma preocupação com a palavra, com as frases. No colégio interno, os padres me deram o Padre Antônio Vieira para ler. Ele era um grande frasista, se preocupava com a ressonância verbal interna das frases. Em linguagem, ele muitas vezes não era tão católico assim. Depois que comecei a ler o Vieira não parei mais de prestar atenção nas frases. Sou um fazedor de frases. O que é o verso? É uma frase, uma unidade rítmica, que tem como característica ser ilógica. O ilogismo é muito importante para o verso.

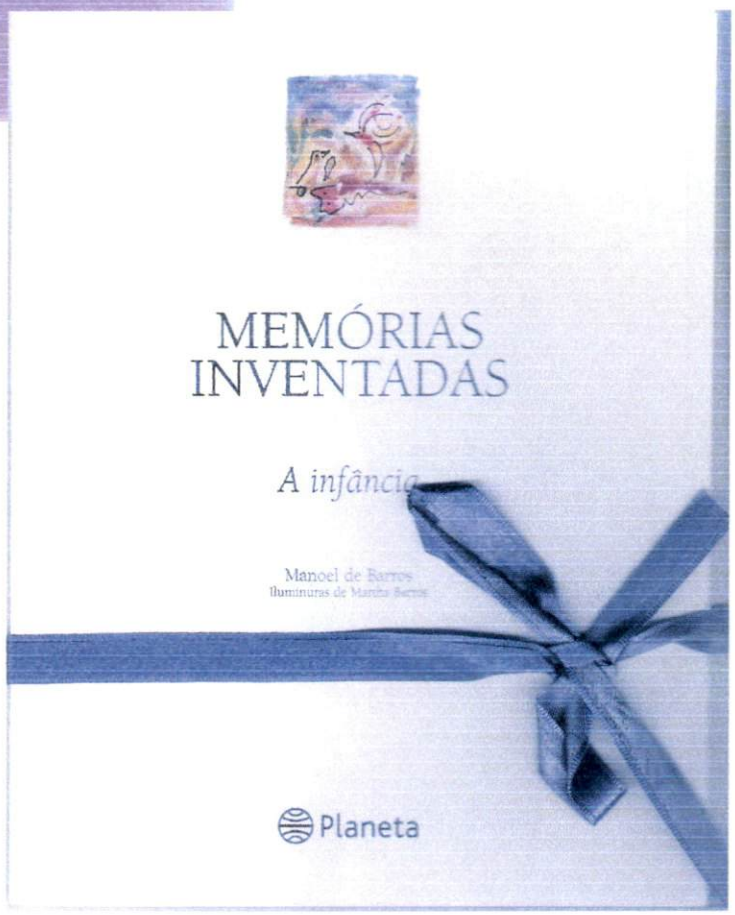
ALB - O senhor citou o poeta francês Rimbaud. Fale um pouco dele.
MB - Foi o poeta mais importante para mim. Aprendi com ele uma certa promiscuidade dos sentidos na natureza. Ele tinha uma linguagem própria, toda sua, aquela coisa do "trouver la langue" ("encontrar a língua").

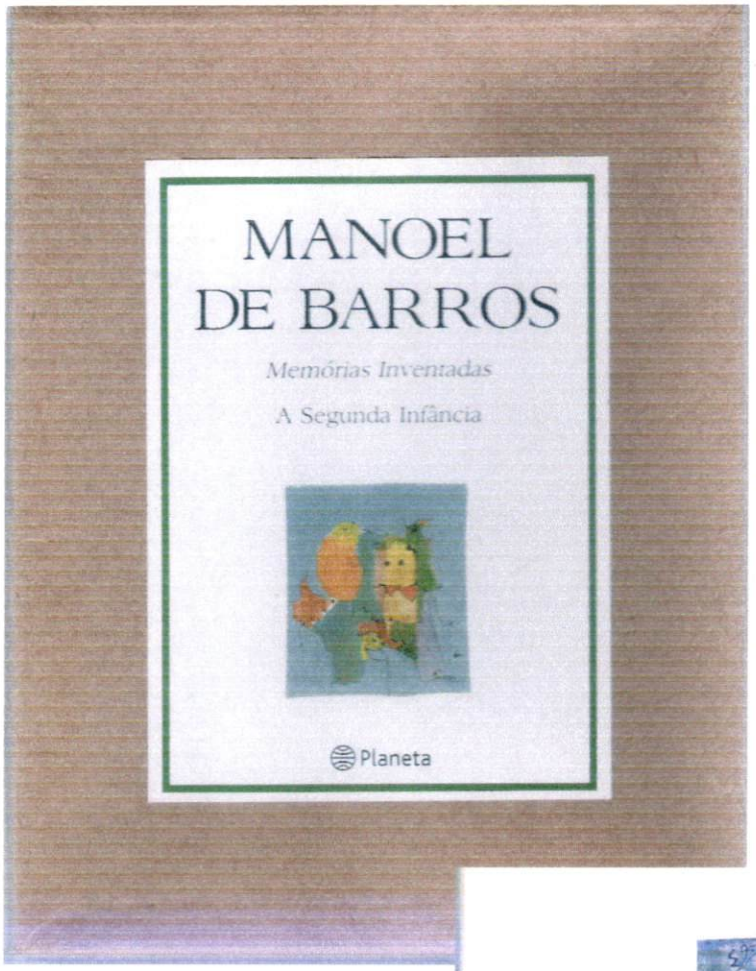
ALB - O senhor citou também João Cabral de Melo Neto. O que acha de sua obra?
MB - O Cabral é o maior poeta brasileiro de todos os tempos. É um arquiteto da palavra, sabe o que faz com ela. Tem um ritmo dele, totalmente dele, é diferente de todos os outros e tinha que ser, pois ele é um ser. João Cabral é muito limpo.

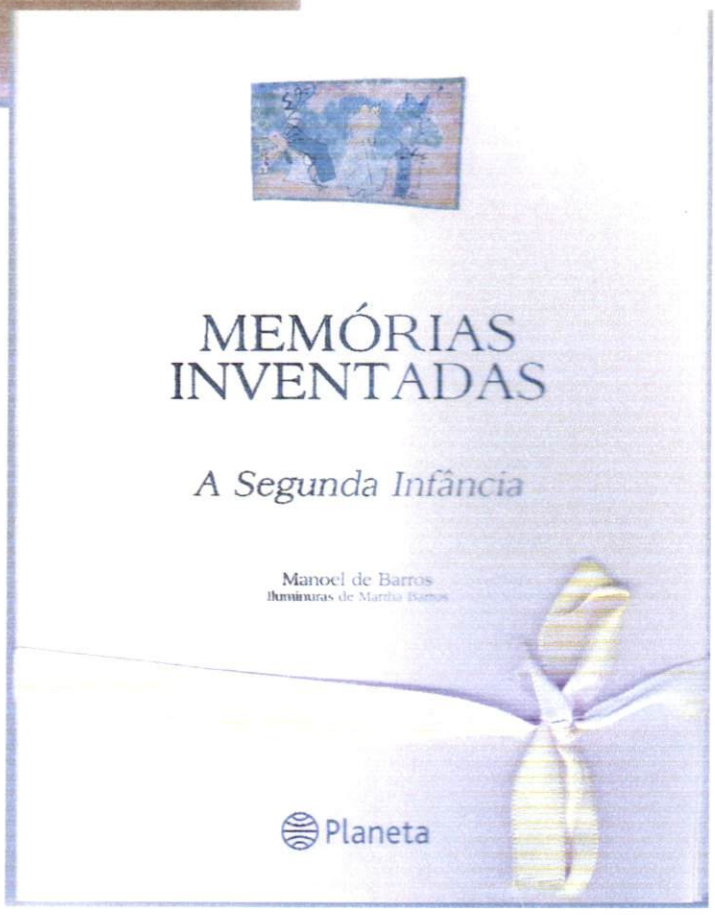
(in Caderno Idéias, Jornal do Brasil)

Início desta página


MANOEL
DE BARROS
Memórias Inventadas
A Infância
Planeta


MEMÓRIAS
INVENTADAS
A infância
Manoel de Barros
Planeta


MANOEL
DE BARROS
Memórias Inventadas
A Segunda Infância
Planeta


MEMÓRIAS
INVENTADAS
A Segunda Infância
Manoel de Barros
Iluminuras de Martha Barros
Planeta

MANOEL
DE BARROS

Memórias Inventadas

A Segunda Infância

Planeta

MEMÓRIAS
INVENTADAS

A Terceira Infância

Manoel de Barros

Ilustrações de Martha Barros

Planeta